

A INTERVENÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL EM BRINQUEDOTECA AMBULATORIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marina Soares Bernardes, Maria Paula Panúncio-Pinto, Mariana Oliveira Leite Silva,
Luzia Iara Pfeifer, Amanda Mota Pacciulio Sposito
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

Resumo

Introdução: A infância é marcada por grandes transformações sendo que é brincando que a criança desenvolve habilidades essenciais para garantir o desempenho de papéis e atividades, tornando-se essencial a manutenção do brincar em diversos contextos. **Objetivo:** Descrever e discutir as possibilidades de atuação do terapeuta ocupacional em brinquedotecas ambulatoriais. **Método:** Relato de experiência da atuação de acadêmicas de Terapia Ocupacional, em brinquedotecas ambulatoriais baseado na análise dos relatórios referentes a prática de estágio em Terapia Ocupacional na Atenção à Criança e ao Adolescente, nos quais são registrados sexo e idade dos participantes, objetivos da intervenção, descrição das atividades, estratégias utilizadas e resultados observados. **Resultados:** A proposta da criação de brinquedotecas em ambulatório se constitui uma alternativa de humanizar o atendimento à criança através de um ambiente seguro e acolhedor, sendo que a atuação do terapeuta ocupacional neste contexto mostra-se adequada e eficiente enquanto conhecedor e possível mediador das ações humanas, empregando seu conhecimento para viabilizar vivências importantes no âmbito do desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, sociais e de comunicação entre as crianças que frequentam o local. **Conclusão:** O estudo permite reafirmar as brinquedotecas ambulatoriais como espaços lúdicos e transformadores, capazes de gerar aprendizado e aperfeiçoar os mais diversos aspectos humanos, tornando assim a criança ativa e sujeito de suas ações.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; humanização; ambulatório; terapia ocupacional;

Abstract

Introduction: Childhood is characterized by major changes and playing children develop essential skills to guarantee the performance of roles and activities, making it essential to maintain the play in different contexts. **Objective:** To describe and discuss the possible role of the occupational therapist in outpatient playrooms. **Method:** Experience report of Occupational Therapy undergraduate students on their activities in field (internship in Occupational Therapy on Care for Children and Adolescents), in outpatients playrooms based on the analysis of the reports, in which are registered gender and age of the participants, objectives of the intervention, description of activities, strategies employed and results observed. **Results:** The proposal to establish playrooms in outpatient constitutes an alternative to humanize the care for children through a safe and welcoming environment. The role of the occupational therapist in this context seems to be proper and efficient, as the health professional who knows and can mediate human actions, using their knowledge to enable important experiences in the development of physical, cognitive, social and social skills among children who attend health services. **Conclusion:** This study allows us to reaffirm playrooms ambulatory as recreational spaces, capable of generating learning and improve human issues, thus making the child active and subject their actions.

Keywords: Child Develop; Humanization; Outpatient; Occupational Therapy

INTRODUÇÃO

A importância do brincar

A infância é um período marcado por importantes transformações e desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais que são essenciais para garantir o desempenho de atividades e a interação da criança em seus mais variados contextos.

Através das brincadeiras simbólicas ou de regras, a criança se desenvolve e adquire as mudanças qualitativas necessárias para o seu desempenho ocupacional (CORDAZZO, 2008; PASCHOAL E MACHADO, 2007). O brincar é um mediador da relação do sujeito com o ambiente. A brincadeira permite a reconstrução das relações sociais, possibilitando a experimentação da criatividade, da autoestima e da autonomia, bem como o aprendizado das regras de convivência. Brincando, a criança é capaz de enfrentar desafios, solucionar problemas, tomar decisões, desenvolver modelos alternativos de comportamento e ter iniciativa própria, compreendendo e aperfeiçoando o senso de responsabilidade individual e coletiva, essenciais para a convivência na sociedade e para um desempenho ocupacional efetivo de seus papéis (FORTUNA, 2007).

Importante considerar que o brincar é diretamente influenciado pela cultura em que a criança está inserida, sendo que esta, por sua vez, é constituída pela introjeção de regras oriundas do meio social e que são particularizadas pelo indivíduo. Através de um movimento contínuo entre o mundo real e o mundo imaginário, a criança transpõe as barreiras e os limites de tempo e espaço (MITRE E GOMES, 2004).

A brinquedoteca em ambiente ambulatorial

A experiência da hospitalização ou do tratamento ambulatorial prolongado na infância afeta diretamente o cotidiano da criança e de sua família, interferindo inclusive no desempenho de seu principal papel ocupacional, o de “brincante”.

Quando pensamos no cuidado infantil em contexto ambulatorial, visando uma atenção integral, não podemos nos limitar às intervenções medicamentosas ou de reabilitação, pois a criança necessita ser vista em sua singularidade e precisa contar com recursos que favoreçam seu desenvolvimento para experimentação e elaboração das experiências neste ambiente (MITRE E GOMES, 2007).

Assim, a proposta de criação de brinquedotecas nesses espaços de tratamentos ambulatoriais se constitui em alternativa de humanizar o atendimento à criança através de um ambiente seguro e acolhedor. Disponibilizando recursos físicos e materiais, as brinquedotecas favorecem a superação e elaboração do processo de tratamento e do cotidiano por ele modificado (MELO et al., 1999).

A brinquedoteca pode ser considerada, portanto, como um espaço da criança e para a criança, onde encontramos um ambiente físico atrativo e rico em estímulos, dotado de brinquedos e recursos variados que servem como um convite à brincadeira. Valoriza-se neste local a exploração e o brincar livre da criança que assim se faz ativa e transformadora da realidade (VANDERLINE, VIEIRA E VIEIRA, 2011).

A humanização em unidades de saúde visa principalmente melhorar a qualidade dos serviços prestados através da troca de saberes entre profissionais, usuários e de sua rede social e de suporte, investindo em um novo tipo de interação que formule o protagonismo de seus usuários, como é o caso das brinquedotecas (MOTA, MARTINS E VERAS, 2006).

Deste modo, a disposição de brinquedotecas em unidades de saúde no Brasil vem se expandido principalmente após a aprovação da lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que instituiu sua instalação nas unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico (BRASIL,

2005). Este avanço na legislação é decorrente das iniciativas de humanização do cuidado à criança e ao adolescente, as quais demonstraram que a inclusão do brinquedo e do brincar é parte importante da assistência às crianças em tratamento.

O trabalho em brinquedotecas ambulatoriais é atual e se faz necessário para garantir o bem-estar de crianças que aguardam atendimento. Além disso, a brinquedoteca é um espaço de grande aprendizagem a partir do compartilhamento de brinquedos, vivências e emoções e de aproximação entre cuidadores e crianças. Além de garantir o direito da criança brincar e divertir-se, também é um espaço de formação de cidadania, pois por meio do aprendizado do cuidado com os brinquedos, da preservação do ambiente físico, da posse e divisão dos brinquedos, seus freqüentadores podem adquirir noções de democracia e de direitos sociais que se refletirão nos demais contextos em que se inserem (PAULA E FOLTRAN, 2013). Desta forma, considera-se que as brinquedotecas se caracterizam enquanto espaços lúdicos, terapêuticos e políticos.

Atuação do terapeuta ocupacional em brinquedotecas

Para que a humanização no atendimento à criança e ao adolescente seja efetiva é essencial o trabalho em equipe, incluindo-se o Terapeuta Ocupacional:

“O terapeuta ocupacional e os outros profissionais da equipe participam da discussão e da implementação de melhores condições de assistência à população que necessita dos serviços de saúde. Portanto, as ações deste profissional em ambiente hospitalar e ambulatorial no tocante à população infantil, se inserem no trabalho em equipe de duas formas que se inter-relacionam no dia a dia: o trabalho clínico por meio das atividades, instrumento das ações do terapeuta; e o trabalho comum a todos os profissionais da equipe que se desdobra em ações que visam a humanização do hospital, ocupado temporariamente pela criança” (TAKATORI, OSHIRO, OTASHIRA, 2004, pg. 247).

No que se refere à atenção a crianças e adolescentes, é importante que o profissional esteja atento às demandas que favorecem seu desenvolvimento, considerando ainda o contexto social e cultural no qual a criança está inserida para que as ações voltadas para a promoção da saúde sejam efetivas e de qualidade (THINEN, MORAES E BARBOSA, 2005).

A importância da brinquedoteca ambulatorial está intimamente ligada ao profissional que a organiza, sendo essencial visar não somente a disponibilidade de um espaço físico e brinquedos variados, mas também a sensibilidade para aprender junto com a criança e resgatar uma visão diferenciada do cuidar e do brincar, que permita a colocação de si no lugar do outro de maneira empática, correlacionando o ser que cuida ao que é cuidado (MELO E VALLE, 2010). Nesse sentido, a atuação do terapeuta ocupacional em brinquedotecas pode ser facilitada por sua formação acadêmica, a qual engloba os aspectos do desenvolvimento infantil e compreende a criança como sujeito ativo e brincante. Deste modo, o direcionamento da brincadeira, a apresentação dos recursos disponíveis no local, o oferecimento de brinquedos adequados para a faixa etária e a identificação das demandas e dificuldades para um brincar efetivo são alguns pontos que devem ser trabalhados pelo terapeuta ocupacional durante sua atuação neste ambiente.

OBJETIVO

Descrever e discutir as possibilidades de atuação do terapeuta ocupacional em brinquedotecas ambulatoriais a partir das práticas realizadas no Estágio Profissionalizante de Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

MÉTODO

Este relato de experiência apresenta a experiência de atuação de acadêmicas de Terapia Ocupacional, no período de Maio a Agosto de 2013 - representando um módulo do Estágio Profissional na Área de Atenção à Criança e ao Adolescente - em brinquedotecas ambulatoriais de hospitais públicos da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. O relato baseia-se em uma análise dos relatórios referentes a cada prática de estágio, nos quais são registrados gênero e idade dos participantes, objetivos da intervenção, descrição das atividades, estratégias utilizadas e resultados observados.

A dinâmica do estágio e das brinquedotecas

O presente trabalho foi desenvolvido em duas diferentes brinquedotecas em contexto ambulatorial, sendo uma em Ambulatório de Reabilitação e outra em Ambulatório Infantil de Doenças Infectocontagiosas.

As brinquedotecas são abertas nos dias de maior fluxo de crianças agendadas para consultas. As instituições fornecem a estrutura física para que as atividades aconteçam e os materiais e brinquedos disponíveis são adquiridos com verba pública - já que se tratam de serviços públicos - ou por meio de doações.

As brinquedotecas normalmente são frequentadas por crianças e adolescentes de 2 a 15 anos, sendo que ocorre em média o envolvimento de 07 crianças/dia nas atividades desenvolvidas no local. É importante informar que a maior parte das famílias atendidas é de baixo poder aquisitivo.

Como a proposta é que as crianças tenham acesso aos brinquedos e desenvolvam atividades de sua preferência, busca-se oferecer um ambiente atrativo e com estímulos diversos, desde a parede colorida, até a disponibilidade dos mais variados brinquedos. Assim, os materiais são dispostos ao alcance das crianças, ficando organizados em armários, estantes e gavetas, separados por temas, por tipo de brincadeira e/ou por adequação de faixa etária, sendo que as acadêmicas permanecem atentas quanto ao tamanho das peças dos brinquedos, ou se as mesmas podem desprender-se durante a brincadeira para evitar acidentes ou a ingestão.

A fim de dar maior visibilidade e favorecer o apoio de cuidadores e profissionais da instituição, foi realizada divulgação do trabalho por meio de cartaz com dia e horário de funcionamento da brinquedoteca, distribuição de folder a respeito da importância do brincar para o desenvolvimento físico, cognitivo e social na infância, além da realização de atividades na sala de espera do ambulatório, como disparadoras do interesse das crianças irem à brinquedoteca.

Nas instituições há terapeutas ocupacionais contratados que auxiliam e coordenam os projetos em questão. Além disso, as graduandas são orientadas em supervisão direta semanal para a discussão de conteúdos teóricos acerca de temas pertinentes para embasamento e instrumentalização das práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades desenvolvidas nas brinquedotecas basearam-se nos princípios de humanização do cuidado, bem como na importância do brincar para o desenvolvimento global infantil. Participaram, no período das 13 semanas citadas, 215 crianças e adolescentes, incluindo pacientes e seus acompanhantes, sendo que as atividades desenvolvidas foram realizadas utilizando-se recursos variados.

A humanização hospitalar e ambulatorial mobiliza esforços voltados para a adequação estrutural e treinamento profissional, buscando que a experiência da hospitalização, ou dos atendimentos ambulatoriais, seja menos traumática e estressante para o paciente. Deste modo, retira-se o foco da doença e do tratamento e o “paciente” passa a ser tratado como sujeito, ativo e participante do funcionamento da instituição, evitando assim que se ofereça uma atenção reducionista. A preocupação com a humanização, portanto, tem como meta manter a dignidade do ser humano e os seus direitos, garantindo-lhe seu bem-estar físico e mental de maneira integral, devendo isto ser desenvolvido por toda a equipe envolvida nos cuidados ao sujeito (MOTA, MARTINS E VÉRAS, 2006).

O ambiente do serviço de saúde pode em muitos casos ser motivo de tensão e insegurança para a criança por conta de consultas, procedimentos ou exames a serem realizados, além de que a rotina de tratamento pode interferir diretamente no cotidiano familiar, escolar e social. Deste modo, é essencial que haja neste local um espaço que forneça condições e recursos adequados para as necessidades físicas, emocionais, culturais, sociais e educacionais da criança, visando propiciar um ambiente atrativo e seguro para vivências diversas (LIMA, JORGE E MOREIRA, 2006).

Os objetivos principais da intervenção nas brinquedotecas onde foram desenvolvidas as práticas de estágio em Terapia Ocupacional envolvem:

- humanizar o ambiente ambulatorial;
- proporcionar um espaço saudável e lúdico para as crianças enquanto aguardam atendimento;
- propiciar um local acolhedor e seguro para trocas e experimentações;
- permitir que a criança se aproprie do espaço e o compreenda como sendo dela e para ela;
- favorecer o desempenho do brincar;
- propiciar vivências prazerosas;
- estimular a criatividade através do faz-de-conta
- estimular habilidades sociais e de comunicação (brincar em conjunto e a participação ativa no brincar);
- estimular habilidades cognitivas, tais como atenção, concentração e abstração;
- estimular a autonomia e independência na escolha dos brinquedos;
- possibilitar a expressão de sentimentos, dúvidas, alegrias e medos através do brincar;
- estimular que pais e cuidadores brinquem com suas crianças;
- sensibilizar pais e cuidadores sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança;
- orientar pais e cuidadores sobre brinquedos e brincadeiras apropriados para a idade e condição clínica das crianças.

Ao longo do período aqui relatado as atividades (brinquedos e brincadeiras) mais registradas foram: atividade de pintura com tinta ou lápis de cor; video-game; jogos competitivos de tabuleiro ou cartas; jogo da memória; quebra-cabeças; bonecas; panelinhas e

miniaturas de casinha; carrinhos; pega varetas; massa de modelar; confecção de brinquedos; gibis; blocos de construção; maleta de miniaturas de ferramentas; computador.

Para atingir os objetivos definidos, foram utilizadas estratégias que envolveram a presença da estagiária junto às crianças no espaço da brinquedoteca, disponível para brincar junto ou direcionar o brincar quando necessário; preparação e incentivo da brincadeira em conjunto para estimular habilidades sociais e de convivência; orientação quanto ao uso de brinquedos adequados para cada faixa etária; realização de atividades lúdicas em sala de espera para sensibilizar cuidadores e equipe; elaboração de material instrutivo para divulgar a brinquedoteca na instituição e para os pais/cuidadores; realização de oficina de confecção de brinquedos com material reciclável.

Em relação ao desenvolvimento das atividades para atingir as metas e objetivos traçados, uma das dificuldades enfrentadas refere-se à resistência dos pais e/ou cuidadores em deixar suas crianças frequentarem a brinquedoteca por receio de perderem a consulta médica ou multiprofissional agendada. Buscando minimizar esta resistência, foi desenvolvido um trabalho de divulgação do espaço através de cartaz e folhetos que elencavam a importância do brincar em ambiente ambulatorial e convidavam os pais e as crianças a conhecerem o local. Além disso, este trabalho de “reeducação” também se estendeu aos profissionais da instituição como forma de parceria, para que as crianças fossem chamadas na própria brinquedoteca para a consulta, fazendo com que seus cuidadores ficassem mais tranquilos quanto a isto e mostrando a importância do trabalho em equipe para o andamento adequado da proposta. Observou-se que estas ações auxiliam nas inter-relações entre os profissionais, a criança e sua família.

Foi possível perceber que o objetivo de criação de um espaço acolhedor e seguro para experimentações e vivências diversas foi alcançado, pois embora algumas crianças chegassem ao local com timidez, logo conseguiam explorar o ambiente e os materiais disponíveis, sendo estas ações intermediadas pelas estagiárias. Além disso, notou-se grande satisfação e interesse das crianças em frequentar a brinquedoteca e utilizar seus recursos, sendo que diversas vezes foi observado que as crianças aguardavam, na frente da porta, a chegada das terapeutas ocupacionais e, em outros momentos, as crianças voltavam para a brinquedoteca após suas consultas, manifestando desejo de continuarem as brincadeiras.

A temática do brincar no hospital, seja enfermaria ou unidade ambulatorial, vem ganhando espaço nas pesquisas enquanto recurso da humanização do atendimento infantil. O brincar é um processo fundamental ao desenvolvimento da criança, pois é através deste que a criança explora o ambiente e a si mesma, adquirindo novas habilidades. Além de promover a autonomia da criança, o brincar permite também o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da socialização e autoestima e, portanto, pode estimular habilidades cognitivas, físicas e de participação social. Por meio do brincar a criança desenvolve o entendimento do mundo e pode interagir com ele (SANTOS, MARQUES E PFEIFER, 2006).

Neste sentido, Paschoal e Machado (2007) destacam que:

“... o brincar é um meio pelo qual a criança se relaciona com o mundo adulto, procurando descobrir e ordenar as coisas ao seu redor. Ao vivenciar as brincadeiras, a criança desenvolve afetividade, interage com o mundo em que vive, mediante a fantasia e o encanto” (p. 57).

Quando a criança brinca, independente do contexto, ela entende como as coisas funcionam e aprende que existem regras sociais que precisam ser respeitadas para a boa convivência em grupo, sendo, portanto, levada a organizar e a reorganizar os seus processos

de pensamentos e ações, o que influenciará diretamente o seu cotidiano e desempenho (PASCHOAL E MACHADO, 2007).

Durante as brincadeiras, as estagiárias procuraram incentivar as atividades em grupo e de interesse comum, a fim de estimular as habilidades sociais, de comunicação, autonomia e tomada de decisão, bem como proporcionar momentos de interação com o outro, que possui demandas, gostos, tempo e interesses distintos. Neste contexto, foi possível observar que algumas crianças apresentam dificuldades em brincar ativamente em conjunto, mostrando-se passivas às propostas ou simplesmente escolhendo brincadeiras individuais.

Desta forma, buscou-se enriquecer as possibilidades de relacionamento interpessoal entre as crianças bem como entre as estagiárias e as crianças através da proposta de brincadeiras e jogos de interesse comum e ainda pela oferta de atividades previamente preparadas que estimulassem uma dinâmica grupal, mostrando a pertinência e importância da mediação do terapeuta ocupacional no ambiente.

Macarini e Vieira (2006) discutem que, para desenvolver habilidades e competências adequadas para a convivência comunitária e participação social, todo indivíduo necessita do contato e comunicação com o outro, e as brincadeiras constituem-se em maneiras eficazes de estabelecer essa interação social.

A brincadeira mostra-se bastante efetiva para o relacionamento social das crianças, pois oferece uma forma livre e autônoma de interação entre as mesmas e destas com o ambiente. Através dela, a criança é capaz de resgatar e compreender valores que são importantes para a vida adulta, como a responsabilidade, o respeito ao espaço e direito do outro, além de aprender a importância da negociação, da conquista, de conviver com regras e a resolver conflitos e problemas de maneira adequada (MACARINI E VIEIRA, 2006).

Notou-se que, em alguns casos, as crianças escolhiam brinquedos bastante infantilizados para sua faixa etária, sendo necessária a intervenção das estagiárias para direcionar a brincadeira de maneira adequada, com recursos que estimulassem o desenvolvimento de habilidades necessárias para sua idade. Estas ações foram facilitadas pela formação em Terapia Ocupacional, a qual abrange os estágios do desenvolvimento infantil, bem como o emprego de estratégias para um brincar efetivo.

Durante as intervenções, algumas crianças mostravam-se deslumbradas com todos os estímulos e disponibilidade de material do local, o que dificultava a escolha e o foco em algum brinquedo específico, fazendo com que a criança escolhesse vários materiais, mas sem brincar efetivamente com nenhum deles. Nestes momentos, as estagiárias buscavam direcionar uma atividade e/ou brincadeira de forma que a criança pudesse se envolver com maior profundidade.

Notou-se que a falta de contato habitual da criança com diversidade de brinquedos e recursos em seu cotidiano domiciliar e escolar, fez com que muitas vezes esta não soubesse como brincar, o que influenciou diretamente nas escolhas consideradas infantilizadas e na intensa exploração dos recursos sem dar-lhes função. Acredita-se que, na maioria dos casos, a privação deste contato se dê por conta da condição sócio-econômica familiar desfavorecida, tornando-se essencial a companhia das estagiárias para ensinar e brincar em conjunto com a criança, levando-a a explorar e conhecer um universo rico em estímulos e descobertas.

As condições impostas às crianças, em diferentes lugares, classes sociais e momentos históricos revelam que, muitas vezes, não é possível viver uma infância idealizada, pretendida e legitimada e, na verdade, vive-se a infância possível, uma vez que a criança está imersa na cultura. Porém, as desigualdades de condições de ser criança não excluem a especificidade da infância, enquanto experiência individual e categoria social. Assim, embora se saiba que muitas crianças se encontram em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais de vulnerabilidades, não se pode desconsiderar a especificidade deste período do

desenvolvimento humano que, além de moradia, comida, carinho, saúde e educação, deveria também possuir tempo, espaço e formas de brincar garantidos (CORSINO, 2008).

Deste modo, ainda pensando nas dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias das crianças que frequentam as brinquedotecas citadas neste estudo, foram desenvolvidas oficinas de confecção de brinquedos com materiais de baixo custo (essencialmente recicláveis), as quais abrangeram a participação tanto das crianças quanto de seus pais e cuidadores, buscando proporcionar a estas famílias uma alternativa para as limitações que as crianças encontram para brincar em razão de sua condição econômica. Esta intervenção favoreceu também o engajamento dos cuidadores como participantes ativos e essenciais do processo de brincar das crianças.

Segundo Pfeifer, Rombe e Santos (2009), atualmente os brinquedos tendem a ser homogêneos e totalmente plastificados e industrializados, e o uso de sucatas no brincar vem contribuir para o renascimento dos processos criativos e lúdicos das crianças, pois, a partir de materiais como madeira, tecidos, argila e materiais recicláveis, estas têm a oportunidade de construir brinquedos singulares e únicos, sobre os quais podem imprimir suas características. De acordo com estes autores, a excessiva utilização e preferência por brinquedos industrializados devem ser investigada quanto à possibilidade de restringir a capacidade de criação e resolução de problemas.

Destacou-se ainda durante as práticas, a importância das estagiárias permanecerem disponíveis para brincar com as crianças que frequentam a brinquedoteca, servindo como facilitadoras tanto do processo do brincar quanto das relações interpessoais. Quando as estagiárias se faziam presentes nas brincadeiras, as crianças mostravam-se mais entusiasmadas e envolvidas na atividade, tornando o momento ainda mais atrativo. De fato, a companhia de um profissional devidamente capacitado para atuar em brinquedotecas pode trazer conforto e segurança para a criança, fazendo com que se tornem parceiras durante a brincadeira, de maneira igualitária. É importante que o profissional esteja atento para não superproteger, mas também para não propor atividades que possam causar frustração, apresentando diferentes possibilidades de brincadeiras adequadas ao nível de desempenho da criança para que esta se sinta ativa e competente no brincar, o que refletirá nos demais contextos de vida (CUNHA, 2007).

Deste modo, considerando-se o brincar como o principal papel ocupacional da criança, encontra-se no terapeuta ocupacional, enquanto estudioso do fazer humano, um profissional capaz de analisar e avaliar o brincar em seus mais diversos objetivos e formas, podendo, através da brincadeira, planejar intervenções adequadas para o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e sociais da criança (SOUZA E MARINO, 2013).

Assim, a Terapia Ocupacional tem seu foco principal no desempenho ocupacional da criança, desenvolvendo ações terapêuticas através da brincadeira, cuja importância se verifica não somente por ser vista como meio para atingir o aprimoramento do desempenho, mas porque a brincadeira também deve ser entendida como atividade lúdica rica em troca, vivência e aprendizado e como objetivo da intervenção em si (SOUZA E MARINO, 2013).

CONCLUSÃO

Crianças hospitalizadas ou que realizam tratamento ambulatorial por longos períodos podem ter sua rotina e cotidiano alterados devido ao tratamento a que estão submetidas. Desta forma, seu principal papel ocupacional pode ser prejudicado, assim como seu desenvolvimento global.

Como foi discutido neste relato de experiência, durante a infância é importante que a criança tenha oportunidade de experimentar e vivenciar momentos diversos e ricos em estímulos que possibilitem o desenvolvimento de habilidades e que garantam sua competência

e autonomia na convivência em grupo. Tais experiências podem ser alcançadas por meio da brincadeira. É por meio do brincar que a criança conhece a si e ao ambiente a seu redor, desenvolvendo habilidades sociais e de comunicação, autonomia e capacidade para resolução de problemas, compreendendo regras e construindo suas relações interpessoais, sendo o papel de “brincante” o mais importante na infância.

Nesse sentido, considerando-se a realidade de crianças que permanecem por longos períodos em tratamento ambulatorial, torna-se essencial a criação de espaços acolhedores, adequados e com variedade de recursos e brinquedos que tornem esta realidade menos estressante para as crianças e seus cuidadores, como é o caso das brinquedotecas.

A experiência aqui relatada permite reafirmar as brinquedotecas ambulatoriais como espaços lúdicos e transformadores, destinados à humanização do atendimento à criança e capazes de gerar aprendizado e aperfeiçoar os mais diversos aspectos humanos, tornando assim a criança ativa e sujeito de suas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Brasília, DF, 2005.

CORDAZZO, S.T.D. Influência do brincar no desempenho motor, cognitivo e social de crianças em idade escolar no Brasil e em Portugal. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CORSINO, P. Pensando a infância e o direito de brincar. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas (2ª edição). Ano XVIII, boletim 07 – maio de 2008. ISSN 1982-0283.

CUNHA, N. H. S. O significado da brinquedoteca hospitalar. In: Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização. VIEGAS, D. (org). Associação Brasileira de Brinquedotecas. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2007, 168 p.

LIMA, F. E. T.; JORGE, M. S. B.; MOREIRA, T. M. M.; Humanização hospitalar: satisfação dos profissionais de um hospital pediátrico. Rev Bras Enferm 2006 maio-jun; 59(3): 291-6.

MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L.. O brincar de crianças escolares na brinquedoteca. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo, v. 16, n. 1, abr. 2006 .

MELO, C. O.; GOULART, C. M. T.; EW, R. A.; MOREIRA, A. M.; SPERB, T. M.; Brincar no Hospital: Assunto para Discutir e Praticar. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Abr 1999, Vol. 15 n. 1, pp. 065-074.

MELO, L. L.; VALLE, E. R. M.; A brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial. Rev Esc Enferm USP 2010; 44(2):517-25.

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. Ciênc. saúde coletiva vol.12 no.5 Rio de Janeiro Sept./Oct. 2007.

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, 9(1):147-154, 2004.

MOTA, R. A.; MARTINS, C. G. M.; VÉRAS, R. M.; Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 323-330, mai./ago. 2006.

PASCHOAL, J. D. ; MACHADO, M. C. G. Imagens da Infância na Modernidade: da infância que temos à infância que queremos In: MORENO, G. L.; AQUINO, O. R.; PASCHOAL, J. D. Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades, 2007. p. 55 e 57.

PAULA, E. M. A. T.; FOLTRAN, E. P.; Brinquedoteca hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados. Disponível em: <http://www.eventos.uepg.br/ojs2/index.php/conexao/article/viewFile/3828/2707>. Acesso em 07 de agosto de 2013.

PFEIFER, L.I; ROMBE, P.G; SANTOS, J.L.F. A influência socioeconômica e cultural no brincar de pré-escolares. Paideia, v.19, n.43, p.249-255, maio-ago. 2009.

SANTOS, C.A; MARQUES, E.M; PFEIFER, L.I. A brinquedoteca sob a visão da Terapia Ocupacional: diferentes contextos. In: Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, v.14, n.2, 2006.

SOUZA, A.C; MARINO, M.S.F. Atuação do Terapeuta Ocupacional com criança com atraso do desenvolvimento neuropsicomotor. In: Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, v. 21, n.1, 2013.

TAKAORI, M.; OSHIRO, M.; OTASHIMA, C.; O hospital e a assistência em Terapia Ocupacional com a população infantil. In: CARLO, M. M. R. P.; LUZO, M. C. M.; Terapia Ocupacional – Reabilitação Física e Contextos Hospitalares. São Paulo, ROCA, 2004, p. 262-274.

THINEM, N. C.; MORAES, A. C. F.; BARBOSA, M. S. S.; Humanização do ambulatório de especialidades Governador Mário Covas: Criação de uma Brinquedoteca. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2005, vol. 13, nº 2.

VANDERLINE, L. F.; VIEIRA, M. C.; VIEIRA, M. L.; A brinquedoteca como lugar para aprender e se divertir: um relato de experiência. Revista de Ciências Humanas, v. 45, n. 1 (2011).

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1971.